

Repensando o Fotojornalismo: o ensino e a formação acadêmica frente às demandas do cenário profissional na atualidade¹

Tássia Caroline ZANINI²
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

A proposta deste artigo é discutir modelos e perspectivas de ensino e formação acadêmica em Fotojornalismo, a partir de um olhar sobre as demandas profissionais da atualidade, em diálogo com as novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo no Brasil – homologadas pelo Ministério da Educação e em fase final de implementação pelas instituições de ensino superior do país. A abordagem visa identificar desafios e potencialidades próprios da disciplina, privilegiando considerações a respeito do papel atual do fotojornalista em formação. O foco, entretanto, é a inter-relação com outros componentes da matriz curricular do curso e com a formação instrumental e crítica do jornalista em geral, envolto em um cenário cuja imagem é cada vez mais protagonista no universo das mídias.

Palavras-chave: fotojornalismo; jornalismo; diretrizes curriculares; ensino; formação acadêmica.

Introdução: novas diretrizes X cenário profissional

Em setembro de 2013, após quatro anos de debate, foram homologadas pelo Ministério da Educação (MEC) as novas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013), elaboradas em 2009 por especialistas da área, pesquisadores e profissionais (BRASIL, 2009), presididos por José Marques de Melo, autoridade na pesquisa em Comunicação no país. Com a decisão, as instituições de ensino superior (IES) foram orientadas a adequarem às novas regras instituídas, até 2015, sua infraestrutura, matrizes curriculares e Projetos Político Pedagógicos (PPP), sobretudo em relação a uma das principais mudanças propostas: o caráter mais prático a ser explorado nos cursos, agora com obrigatoriedade de representar 50% das aulas. Entre os objetivos

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia do XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e pós-graduanda em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac – SENAC/SP; mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, graduada em Comunicação Social – Jornalismo e especialista em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: tassiazanini@hotmail.com.

principais da medida está o estreitamento das relações entre a metodologia de ensino e a prática exercida no mercado, a fim de formar profissionais com uma visão mais crítica a respeito de sua área de atuação, em acordo com as demandas da sociedade atual (BRASIL, 2009).

Frente a esse cenário, e no largo espaço de seis anos entre a divulgação do relatório da comissão de especialistas (2009) e o prazo final para a adequação das IES às medidas aprovadas (2015), muitos pesquisadores têm se voltado a discutir o tema, sob variados aspectos; apontando benefícios e fragilidades nas diretrizes instituídas e propondo olhares sobre o universo da profissão na contemporaneidade e suas demandas em constante atualização. Aos poucos, as IES vêm se vendo obrigadas a adequar suas propostas curriculares conforme suas características e possibilidades, e os órgãos colegiados, corpo docente, diretórios acadêmicos e corpo discente vêm aprofundando a discussão em torno das propostas, particulares a cada perfil de curso e aos cenários regionais.

Considerando que o relatório final da comissão de especialistas e as novas diretrizes já têm sido bastante abordadas, a proposta aqui não é focar na formação do jornalista no Brasil³, discutir o perfil do profissional desejado (particular à cada proposta institucional) ou a aplicabilidade das diretrizes na atualidade – embora esses assuntos sejam necessariamente tocados –, mas estender esse debate ao micro universo das disciplinas do curso, a fim de aproximar e promover o diálogo entre professores e pesquisadores voltados para o ensino e estudo de temas, gêneros e áreas mais específicas dentro do jornalismo, pensando nos reflexos e aplicabilidades das novas demandas da profissão nos casos particulares à cada disciplina. Assim, a abordagem não se reduz a pensar quais disciplinas seriam importantes para a formação do jornalista, e de que maneira deveriam estar distribuídas na matriz curricular do curso, em concordância com os objetivos propostos pela IES, mas *como* estas disciplinas podem ser repensadas a fim de privilegiar a ênfase em conteúdos que promovam uma aproximação mais efetiva, técnica e criticamente, entre formação acadêmica ofertada e formação profissional adequada às demandas do cenário atual, em constante transformação.

Portanto, visa-se aqui discutir de que maneira a disciplina de Fotojornalismo⁴, em suas especificidades, pode contemplar conteúdos importantes da área com o objetivo de contribuir mais efetivamente para as necessidades atuais da formação acadêmica em

³ A esse respeito, ver Aguiar (2013), Almeida (2011) e Lopes (2013 e 2014).

⁴ O interesse específico no ensino do Fotojornalismo justifica-se na área de atuação de pesquisa e docência da autora, cuja trajetória tem como ênfase a disciplina, a discussão do papel da imagem na mídia e temas adjacentes.

jornalismo – ao encontro dos eixos de formação⁵ propostos nas novas diretrizes indicadas na Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013 (e suas instruções para o projeto pedagógico do curso) – e, ao mesmo tempo, tecer uma linha de abordagem que contemple saberes importantes para o futuro profissional do egresso, não limitados apenas ao saber histórico e à instrumentalização técnica a respeito da fotografia na área, ou necessários apenas aos profissionais que escolham trabalhar especificamente como fotojornalistas, mas que contribuam para o perfil do jornalista como um todo, que precisará ter um bom conhecimento teórico e técnico a respeito do uso e funções das imagens no jornalismo; demanda indissociável da lógica atual da profissão e do cenário midiático contemporâneo.

O jornalismo se reinventa

O texto do relatório da comissão de especialistas que se voltaram a analisar e discutir as diretrizes curriculares para o ensino do jornalismo no país (BRASIL, 2009) fundamenta-se e justifica-se, primeiramente, nas demandas atuais frente ao cenário em contínuas transformações no qual o profissional está inserido – sobretudo do ponto de vista tecnológico e imediatista dos instrumentos de difusão instantânea universal (FRANCISCATO, 2005) e da expansão de práticas e estruturas de democracia participativa (TRAQUINA; MESQUITA, 2003), que vêm avançando sobre os modelos tradicionais e questionando-os:

A nova fisionomia do Jornalismo relativiza teorias e crenças que historicamente sustentavam o poder hegemônico das redações tradicionais. A atualidade fazia parte do Jornalismo, ao qual servia como fonte de matéria-prima. Hoje, ao contrário, é o Jornalismo que faz parte da atualidade, e a serve, como linguagem macro-interlocutória socialmente eficaz (BRASIL, 2009, p. 6).

Todavia, embora o relatório aponte para o contexto de que hoje são outras as expectativas da sociedade frente ao jornalismo, e que essa nova fisionomia da atualidade também traz ao campo problemas novos e inesperados, como a “urgência de clarear conceitos plurais – éticos, técnicos, estéticos – para uma nova compreensão do Jornalismo” (BRASIL, 2009, p. 4), para muitos pesquisadores, as novas diretrizes já nasceram velhas, uma vez que se opõem, por exemplo, à lógica incoerente da inserção do jornalismo

⁵ As novas diretrizes curriculares propõem que sejam contemplados seis eixos principais na organização dos conteúdos curriculares do curso de jornalismo: de fundamentação 1) humanística, 2) específica e 3) contextual, 4) de formação profissional, 5) aplicação processual e 6) prática laboratorial – que serão abordados mais adiante.

enquanto habilitação da Comunicação Social (herança da adoção do modelo de ensino proposto pela Unesco para o Terceiro Mundo, no contexto da ditadura militar), mas não atualizam as perspectivas políticas e mudanças necessárias às reais demandas atuais do mercado profissional, restringindo-se a expurgar “espinhos” menores. Paralelamente, há o lado que defende os esforços aplicados às novas diretrizes para favorecer a formação de um profissional capaz de lidar com as transformações contemporâneas; ou seja: embora críticas precisem ser feitas, as saídas apontadas não são de todo insuficientes ou retrógradas (LOPES, 2014).

Assim, o estudo desenvolvido pelos especialistas para modelar as novas diretrizes identifica grandes problemas, como a ruptura entre teoria e prática nos cursos de comunicação, mas aponta resoluções que talvez não beneficiem de forma profunda uma mudança neste cenário, uma vez que propõe, por exemplo, um aprofundamento na ênfase prática do curso, em detrimento da abordagem teórica (não só da área específica como também de conceitos adjacentes); fato também bastante criticado por pesquisadores. Portanto, embora seja legítimo vincular a abordagem teórica, a formação voltada para a prática e a análise reflexiva do cenário profissional, há também de se levar em conta que as transformações desse cenário são constantes e significativas em cada vez mais curtos espaços de tempo.

Com o advento da massificação da internet e do jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), o contexto atual vem evidenciando o fim de grandes conglomerados de comunicação e informação (da maneira como eram até então conhecidos), frente às fusões e ampliações das corporações virtuais e ao “oceano de infotimento” (DEJAVITE, 2006), que também tem gerado demissões em massa de repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e outros especialistas com função específica na indústria de conteúdo – o que tem impulsionado o surgimento de um novo perfil de jornalista: o empreendedor freelancer multimídia e multitarefas. Os empregos na área não são mais os mesmos dos moldes tradicionais; embora haja espaço para o jornalista, ele desempenha mais e diferentes funções – ele precisa *criar* seu próprio espaço, atuar mais como prestador de serviços (para diferentes empresas e sem vínculos tão delimitados), estar apto a lidar com as demandas próprias das mídias digitais e redes sociais online, entre outras necessidades.

Em cidades como Nova Iorque, nos Estados Unidos, já são comuns os cursos aprofundados sobre novos modelos de negócio em jornalismo, como o do *Tow-Knight*

Center in Entrepreneurial Journalism, com ênfase em jornalismo empresarial (sendo aqui os empresários os próprios jornalistas). Em grande reportagem sobre o tema e a experiência no curso em questão, Leandro Beguoci relata a crescente experimentação norte-americana no ramo⁶, já com reflexos proeminentes no Brasil, que anunciam um nicho que parece ser bastante promissor para o futuro da profissão no país. O jornalista enfatiza que, com o passar do tempo, a oferta de mídia aumentou e, ao mesmo tempo, se fragmentou; atualmente, há mais veículos de mídia e mais plataformas para consumir essa mídia. A informação, entretanto, não chega mais via “oligopólios de atenção”, concentrada por grandes empresas que controlam a produção, a impressão e a distribuição da notícia. Atualmente, as pessoas ainda buscam informação, mas muitas reportagens chegam até elas via canais que não produzem conteúdo, mas que têm a atenção dos usuários, como, por exemplo, o *Google*, o *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* – plataformas que servem para encontrar e distribuir conteúdo; novos oligopólios de atenção (BEGUOCI, 2015).

Essas mudanças têm impulsionado novas formas de fazer e pensar o jornalismo, que tem se reinventado com experiências que incluem mídias alternativas, coletivos independentes, parcerias publicitárias e *crowdfunding* – financiamento coletivo por parte de doações do público interessado; modelo de viabilizar os custos de produção que vem se popularizando no país. “As empresas de tecnologia contratam cada vez mais gente (inclusive jornalistas). As empresas de jornalismo demitem cada vez mais gente (e não apenas jornalistas). Em parte porque as novas fontes de receita não são suficientes para tapar o buraco na velha mídia” (BEGUOCI, 2015, s/p.). Em suma: se o cenário do jornalismo não é mais o mesmo, por que o do fotojornalismo seria?

De que fotojornalismo estamos falando?

Com a reconfiguração dos cenários em que transita o jornalismo, é imprescindível constatar que as demandas atuais para o fotojornalismo também não são mais as mesmas. O fotojornalista exclusivo de um grande veículo, que realiza grandiosas coberturas (em extensão e importância), e é enviado a guerras, conflitos e cenários hostis ou de profundas mudanças sociais, e passa meses imerso a uma cobertura que antes alimentaria reportagens profundas sobre o tema, está praticamente em extinção. Não há motivos para formar futuros repórteres fotográficos tendo em vista este perfil idealizado da profissão; ou melhor: não há

⁶ O texto completo está disponível em Beguoci (2015).

motivos para enfatizar uma formação específica para a atuação como repórter fotográfico apenas, pois este não é o único que precisa de formação em fotojornalismo, bem como é cada vez menor o número de profissionais que se dedicam exclusivamente a esta função. Há de se considerar também que o repórter fotográfico nem sempre é jornalista, mas comumente um fotógrafo que advém de outras formações, ou ainda sem conhecimento acadêmico formal, e que, atualmente, ou presta serviço para diversas empresas e agências como *freelancer* (e atua em todo tipo de cobertura) ou não tem no fotojornalismo sua única fonte de produção fotográfica profissional (enveredando por outras áreas, como a fotografia publicitária, social, corporativa, etc).

Portanto, é importante questionar se os conteúdos oferecidos na formação acadêmica em fotojornalismo privilegiam as necessidades que o profissional encontrará futuramente, bem como se ofertam suporte técnico e teórico para que ele lide com as mudanças no cenário midiático também em relação às imagens, cada vez mais protagonistas dos conteúdos em relação aos textos. Atualmente, a noção de que vivemos em uma “era da visibilidade” já está dando lugar a outra, caracterizada como “crise da visibilidade”, em que os excessos dão lugar inicialmente a uma desorganização e “dessignificação” deste universo imagético da mídia (BAITELLO JÚNIOR, 2010 e 2005). Assim, a imagem tem se tornado cada vez mais superficial e o jornalismo tem sido agente e ao mesmo tempo vítima deste movimento; saber discernir, selecionar, editar e relacionar corretamente imagem e informação é um dos grandes desafios para os profissionais da área nesta era de profusão da imagem técnica (FLUSSER, 2008 e 2002).

Ainda é escassa a bibliografia disponível que se propõe a discutir a formação específica no contexto do fotojornalismo frente às demandas do cenário contemporâneo, mas é possível observar com clareza que as definições e funções do fotojornalismo precisam ser ampliadas para além da consagrada literatura a respeito, embora a atividade ainda se caracterize mais pela finalidade (pela intenção) do que pelo produto resultante, como já indicava Jorge Pedro Sousa (2000). Todavia, a maneira de *fazer e distribuir* fotojornalismo vem mudando constantemente, e o ensino precisa acompanhar essas mudanças técnicas e sociais. Não há razão para, por exemplo, ensinar a manusear equipamentos analógicos e revelar negativos em laboratórios em um curso de graduação cujo foco principal não é a fotografia, uma vez que este processo há muito já não faz parte da lógica de produção atual. Há, entretanto, a necessidade de instrumentalizar os alunos a manusear equipamentos digitais, editar arquivos em um “laboratório” agora também digital,

incluindo a formação em pós-produção e edição via computadores e *softwares* – levando em conta demandas com equipamentos, *softwares* de seleção, edição e pós-produção, formatos de arquivos, hospedagem em diversas mídias, etc; lógicas inerentes ao mercado atual. Também não há justificativa para aprofundar o conhecimento acadêmico, a título de graduação em jornalismo, na história da fotografia e do fotojornalismo em detrimento do aprofundamento em exercícios práticos, produção técnica e análise dos conteúdos visuais das diversas mídias – saídas que muitas vezes buscam esconder fragilidades como a carência de equipamentos e recursos adequados a estas práticas, por exemplo.

Outro ponto a se considerar é que, com a liberdade que as IES gozam de propor um perfil específico de profissional (com formação mais voltada à cultura, às novas tecnologias, ou a práticas cidadãs, por exemplo) a ser desejado no aluno egresso, cada currículo poderá dispor de abordagem própria, que, por recomendação das novas diretrizes, deve ser coerente com o contexto regional em que se insere. Um bom exemplo é a experiência da disciplina de Fotojornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), relatada pelo Prof. Atílio Avancini (2014)⁷, cuja proposta é estruturada em práticas essencialmente culturais e cidadãs, propiciadas pelo desenvolvimento de projetos de extensão e parceria com a empresa estudantil Jornalismo Júnior (Jota). Práticas assim podem orientar não só um perfil de egresso do curso como um todo, mas evidenciar áreas de abordagem particulares às disciplinas, destacando ainda mais suas potencialidades enquanto ferramentas pedagógicas específicas.

Repensando os conteúdos da disciplina

Contextualizados os cenários que embasam as reflexões aqui levantadas, propõe-se agora um olhar a respeito da abordagem contemplada pelas novas diretrizes curriculares em relação ao ensino do jornalismo, que se dividem entre 1) estrutura e organização do curso; 2) projeto pedagógico; 3) perfil do formando/egresso na área; 4) competências: conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a serem desenvolvidos, gerais e específicos; 5) organização dos conteúdos curriculares, com eixos de fundamentação humanística, específica, contextual, profissional, processual e laboratorial⁸; e 6) acompanhamento e avaliação. Embora seja importante considerar a complexidade de cada item para a formação

⁷ A experiência da disciplina de Fotojornalismo no curso da ECA/USP é relatada em Avancini (2014).

⁸ Estão inclusas aqui as observações pertinentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ao estágio curricular supervisionado e às atividades complementares, de caráter didático e acadêmico (BRASIL, 2009, p. 21-23).

didático-pedagógica do aluno, como a abordagem da discussão aqui proposta relaciona-se aos desafios e possibilidades inerentes à disciplina de Fotojornalismo, propõe-se destacar um olhar a partir do tópico 5, elencando os eixos de fundamentação e formação com base nos conteúdos inerentes à proposta da disciplina, geralmente comum à maioria dos perfis dos cursos de jornalismo do país. Para tanto, consideram-se os seis eixos principais propostos pela Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013:

Tabela 1 – Eixos de organização dos conteúdos curriculares

Eixo	Objetivos/funções
I. Fundamentação humanística	Capacitar o jornalista para exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania, privilegiando a realidade brasileira, como formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas; sua geografia humana e economia política; suas raízes étnicas, regiões ecológicas, cultura popular, crenças e tradições; arte, literatura, ciência, tecnologia, bem como os fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, entre eles as relações internacionais, a diversidade cultural, os direitos individuais e coletivos; as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, as oportunidades de esportes, lazer e entretenimento e o acesso aos bens culturais da humanidade, sem se descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana.
II. Fundamentação específica	Proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão, tais como: fundamentos históricos, taxonômicos, éticos, epistemológicos; ordenamento jurídico e deontológico; instituições, pensadores e obras canônicas; manifestações públicas, industriais e comunitárias; os instrumentos de autorregulação; observação crítica; análise comparada; revisão da pesquisa científica sobre os paradigmas hegemônicos e as tendências emergentes.
III. Fundamentação contextual	Embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em suas dimensões filosóficas, políticas, psicológicas e socioculturais, o que deve incluir as rotinas de produção e os processos de recepção, bem como a regulamentação dos sistemas midiáticos, em função do mercado potencial, além dos princípios que regem as áreas conexas.
IV. Formação profissional	Fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, possibilitando-lhes investigar os acontecimentos relatados pelas fontes, bem como capacitá-los a exercer a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, de acordo com os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas.
V. Aplicação processual	Fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho.
VI. Prática laboratorial	Adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Possui a função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como:

	jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros.
--	---

Fonte: Tabela elaborada pela autora, com base na Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013 (BRASIL, 2013, p. 4-5).

Considerando os eixos de organização dos conteúdos curriculares propostos pelas novas diretrizes, a disciplina de Fotojornalismo, em suas especificidades, contemplaria sobretudo conteúdos de aplicação processual (V) e prática laboratorial (VI), conforme a tabela 1. Entretanto, não é necessário reduzir as disciplinas propostas na matriz curricular do curso a um ou dois eixos de formação; os conteúdos abordados em Fotojornalismo poderiam, por exemplo, abarcar todos os seis eixos propostos, uma vez que a disciplina pode contemplar, em relação aos respectivos:

I) abordagem teórica em torno de importantes movimentos históricos, de linguagem e estéticos em relação à produção e distribuição de imagens técnicas, incluindo as correntes do fotodocumentarismo, sobretudo as voltadas para as abordagens de denúncia social;

II) um olhar a respeito do profissional de fotojornalismo, inserido em seu ambiente de trabalho, sendo possível pensar e discutir nesse cenário as demandas da profissão, seus riscos e dificuldades no cotidiano de trabalho, bem como esse profissional deve se portar no exercício de sua função;

III) o diálogo com outras disciplinas da matriz curricular do curso, em abordagem multidisciplinar com as bases teóricas da área e suas dimensões adjacentes, bem como a respeito das rotinas de produção, propiciando um saber contextual adequado e introdutório à lógica das disciplinas com ênfase prática;

IV) ênfase nas práticas profissionais voltadas a esse saber, com base na organização do eixo teórico-prático da disciplina, bem como sua estruturação com as outras disciplinas voltadas para a prática textual, indispensáveis para aprofundar a lógica multidisciplinar da produção fotojornalística;

V) relevância na abordagem teórico-prática, vinculando a imagem enquanto suporte à aplicação em outros contextos do jornalismo, bem como envolvendo demandas em relação aos equipamentos técnicos, suporte de *softwares* de edição e contextualização na atual era digital;

VI) protagonismo nos projetos editoriais desenvolvidos pelo curso, com escoamento da produção em agências de notícia, jornais laboratórios, livros, revistas, suportes *web*, exposições, catálogos, atividades complementares e experimentais, bem como projetos de

pesquisa e extensão, a fim de expandir os lugares de experimentação dos saberes adquiridos, articulando efetivamente a ênfase no eixo teórico-prático.

Essa linha de abordagem demonstra que, embora o Fotojornalismo esteja comumente presente nas matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo no Brasil com diferenças nos módulos e cargas horárias (particulares à cada IES), podendo abarcar disciplinas prévias introdutórias ao tema (como as de ênfase técnica na fotografia e linguagem fotográfica) ou adjacentes (como disciplinas de edição de imagem e editoração e de teorias da imagem), é bastante oportuno que a formação em Fotojornalismo dialogue com as outras disciplinas curriculares do curso, buscando unir conteúdos oferecidos e demandas atuais, privilegiando uma formação plural e integrada, condizente com as atuais necessidades profissionais.

Portanto, muitas outras questões podem ser relacionadas a essa abordagem em função dos eixos de formação propostos pelas novas diretrizes, e cada uma delas merece uma análise profunda do caráter da disciplina, sua visão dentro da matriz curricular do curso e de seu projeto político pedagógico. Assim, faz-se necessário primeiro um olhar preliminar quanto a esses contextos, que dialogam, antes do eixo do conteúdo curricular, com a lógica estrutural do curso, seus objetivos, infraestrutura e proposta pedagógica, para que cada tópico possa ser respondido em sua profundidade, e para que fragilidades e potências possam ser identificadas na lógica pertinente à cada IES.

Considerações finais: alguns desafios

É imperioso não perder de vista que a suposta liberdade em torno das adaptações curriculares frente aos perfis, necessidades e fragilidades de cada IES também podem limitar avanços efetivos na qualidade dos cursos, que podem esconder possíveis fragilidades dentro de argumentos plausíveis, como, por exemplo, escolher priorizar uma discussão teórico-crítica na disciplina por não contar com infraestrutura e material adequado para privilegiar o treinamento técnico, ou privilegiar disciplinas mais generalizantes ao contexto social da área, que possam ainda ser oferecidas para as várias antigas habilitações do curso de Comunicação Social – sobretudo no contexto das disciplinas virtuais (de Educação a Distância – EaD), que também, a partir das novas diretrizes, podem ser inseridas na estrutura curricular dos cursos (limitadas a 20% da carga horária total em disciplinas). Ou ainda é possível que disciplinas fundamentais à formação

profissional do jornalista possam ser consideradas optativas, principalmente pela não compreensão das demandas atuais (ou também ainda por camuflarem assim as fragilidades estruturais do curso). Logo, são muitos os desafios que podem surgir nessa adaptação dos currículos, o que torna ainda mais imprescindível que as disciplinas sejam repensadas em seus novos contextos sociais.

A abordagem aqui proposta, portanto, não visa esgotar o assunto, tampouco propor modelos ou respostas definitivas a todas as questões elencadas; do contrário, busca estimular uma discussão mais profunda quanto ao eixo curricular próprio de cada desdobramento profissional contemplado por disciplinas específicas, sobretudo as laboratoriais ou de caráter teórico-prático. Assim, buscou-se propor um olhar para análises que aliem as disciplinas e suas ementas aos eixos propostos pelas diretrizes e seus desdobramentos na prática profissional do jornalista, a fim de encontrar caminhos mais férteis para a formação dos novos profissionais, agentes a serem inseridos em tantos e tão diversos eixos de atuação. Faz-se necessário também aproximar dessa discussão a lógica de estruturação da matriz curricular; a disposição das disciplinas, seus pré-requisitos e vinculações inter e multidisciplinares, bem como os conteúdos relativos a esses espaços – suas necessidades, desdobramentos e competências, particulares à cada IES e às demandas regionais e locais a que pretendem corresponder.

Por fim, destaca-se também que embora a adaptação curricular por parte das IES às novas diretrizes propostas pelo MEC seja obrigatória, e que não se pode deixar de considerar que elas representam possíveis avanços em relação à formação do profissional específico da área, é inegável que elas não se encerram enquanto cartilha exclusiva a ser seguida. O cenário profissional e as análises em torno do tema apontam que ainda são muitos os caminhos a serem mais criticamente iluminados em relação à formação do jornalista atual, como por meio, por exemplo, de abordagens em torno dos sistemas de regulação da mídia em debate e a postura dos profissionais frente aos oligopólios econômicos representados pelas grandes corporações de comunicação e informação – assunto quase não tocado pela comissão de especialistas responsável pelas novas diretrizes⁹. Assim, muitas são as discussões pertinentes a serem aprofundadas nessa temática; daí a importância de estudos futuros articularem ainda mais essas vinculações específicas das disciplinas no cenário atual.

⁹ Ver artigo de opinião publicado na revista eletrônica *Carta Maior* em 19 de maio de 2013 (POMAR, 2013).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 162-175, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/12alceu27.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

ALMEIDA, Maria Cristina Rosa de. A formação do jornalista em transição. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO DA FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 7., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2011. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Maria-Cristina-Rosa-de-Almeida.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. O jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM; Columbia Journalism Review (CJR)**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 30-89, abr./jun. 2013.

AVANCINI, Atílio. Ensino de fotojornalismo e atividades culturais. **Rumores**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 166-178, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/89644/92457>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BEGUOCI, Leandro. A reinvenção do jornalismo (*spoiler*: é hora de abaixar o topete, mas de levantar a cabeça. **Draft**, São Paulo, 13 maio 2015. Disponível em: <<http://projetodraft.com/a-reinvencao-do-jornalismo-spoiler-e-hora-de-abaixar-o-topete-mas-de-levantar-a-cabeca/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Portaria n. 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009. Brasília: **Portal do MEC**, set./2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2015.

_____. Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013: CNE/CES 1/2013. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Brasília: **Portal do MEC**, set./2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866>. Acesso em: 29 jun. 2015.

DEJAVITE, Fábila A. **Infotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas/Sepac, 2006.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente:** como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe, 2005.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas:** elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LOPES, Fernanda Lima. Política e epistemologia no debate sobre implantação das primeiras diretrizes curriculares para o curso de jornalismo no Brasil. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 98-116, ago./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/articloe/view/224/266>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

_____. **Ser jornalista no Brasil:** identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

POMAR, Pedro. Novo currículo do curso de jornalismo escamoteia poder do oligopólio. **Carta Maior**, São Paulo, 19 maio 2013. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Novo-curriculo-do-curso-de-jornalismo-escamoteia-poder-do-oligopolio/13/27785>>. Acesso em 29 jun. 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mário. **Jornalismo cívico**. Lisboa (Portugal): Horizonte, 2003.